

**NAS “TRILHAS” DA GEOGRAFIA AGRÁRIA: reflexões sobre uma
trajetória¹**

IN THE “TRAILS” OF AGRARIAN GEOGRAPHY: reflections on a trajectory

Vera Lúcia Salazar Pessôa²

Resumo

Os Encontros Nacionais de Geografia Agrária, desde sua criação em 1978, têm constituído fóruns importantes para o debate sobre as questões teórico-metodológicas da geografia agrária não apenas com os geógrafos, mas também com pesquisadores de áreas afins. Foram realizados dezoito eventos ao longo desse período. O objetivo desse texto é fazer um relato de minha trajetória nos quinze encontros dos quais participei e mostrar sua importância para minha formação acadêmica. O trabalho está dividido em três momentos, além da Introdução e Para finalizar. No primeiro momento, destaco minha “inserção” no mundo da Geografia Agrária. No segundo, relato como surgiu o Encontro. No terceiro momento, mostro o significado dos Encontros na “construção” do conhecimento.

Palavras-chave: Relato de experiência. Encontro Nacional de Geografia Agrária. Pesquisa e conhecimento.

Abstract

The Agrarian Geography National Meeting, since its creation in 1978, became an important occasion for both geographers and researchers from related areas to debate theoretical and methodological questions concerning agrarian geography. Eighteen meetings took place since then. In this regard, this article aims to account my partaking in fifteen meetings so that to show its importance to my academic background. It has three parts, besides introduction and conclusion. Firstly, I highlight my entering in the world of agrarian geography;

secondly, I give an account of how the meeting emerged; thirdly, I point out its meaning for the knowledge building.

Key words: Experience account. Agrarian Geography National Meeting. Research and knowledge.

Introdução

Os Encontros Nacionais de Geografia Agrária têm constituído fóruns importantes para o debate sobre as questões teórico-metodológicas da geografia agrária não apenas com os geógrafos, mas também com pesquisadores de áreas afins. O caráter interdisciplinar dos Encontros sempre foi positivo. E nessa interdisciplinaridade, os desafios são constantes.

A pluralidade de temas, ao longo dos dezoito encontros realizados, reflete a preocupação dos geógrafos em “construir” uma geografia agrária brasileira que possa contribuir para a reflexão crítica sobre o campo e a cidade, o rural e o urbano e suas contradições.

Assim, o objetivo deste texto é fazer um relato de minha trajetória nos quinze encontros dos quais participei e mostrar sua importância para minha formação acadêmica.

O trabalho está dividido em três momentos, além da Introdução e Para finalizar. No primeiro momento, destaco minha “inserção” no mundo da Geografia Agrária. No segundo, relato como surgiu o Encontro. No terceiro momento, mostro o significado dos Encontros na “construção” do conhecimento.

1-A inserção no “mundo” da Geografia Agrária

O ponto de partida para esta reflexão começa em 1976! Não foi uma monografia em Geografia Agrária, nem tampouco a participação em um projeto de iniciação científica como é comum nos dias atuais.

O país vivia o período ditatorial, época em que os questionamentos acerca da realidade brasileira eram “quase” impossíveis nas Universidades. Eu havia concluído a graduação em Geografia, em 1974, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. Meus conhecimentos limitavam-se a me “orgulhar” do Brasil gigante, potência econômica: o maior produtor de café, o melhor rebanho bovino!

Aprendi muito bem com meus professores a trabalhar com a Geografia Tradicional: observar e descrever ! O “mundo rural” e o “mundo urbano” eram bem distintos. Nada de contradições! Como professora do Ensino Fundamental e Médio, sentia-me orgulhosa de repassar para os alunos todas as informações que o livro didático nos apresentava. Era o único instrumento que tínhamos para preparar nossas aulas. De vez, em quando, a projeção de alguns slides retirados de livros ilustrava as aulas. O atlas também era um excelente recurso.

Mas, as oportunidades surgem! E quando isto acontece temos que aproveitá-las. Em 1976, fui contratada para dar aulas de Geografia Física na Faculdade onde estudei. De imediato, fui para Belo Horizonte fazer o Curso de Especialização em Geografia Humana: PREPES: Programa Regional de Especialização Para Professores do Ensino Superior na PUC/Minas.

Um mundo abria-se à minha frente. Era julho/1976 e acontecia, também, em Belo Horizonte, o II Encontro Nacional de Geógrafos na UFMG. Quanta mudança! Mas, e a Geografia Agrária, onde ela estava? Em algumas comunicações a que assisti no Encontro que antecedeu o Curso e na disciplina Geografia Agrária ministrada pela profa. Dra. Ligia Poltronieri (UNESP/Rio Claro). A abordagem foi na linha teórica sobre a Teoria Geral dos Sistemas, indo de encontro ao momento político pelo qual o país atravessava. Concluí o primeiro módulo do Curso e retornei “encantada” com o que tinha aprendido, não só na Geografia Agrária, mas nas outras disciplinas cursadas. O livro Teoria Geral dos Sistemas de Ludwig Von Bertalanffy foi uma leitura obrigatória para dar subsídios às disciplinas do curso. O “encantamento” continuou até terminar o curso em 1977. A cada módulo concluído, retornava para Uberlândia querendo aplicar o que tinha aprendido. Isso nem sempre foi possível.

Finalmente, chegamos em 1978: a federalização da Universidade Federal de Uberlândia era uma realidade! O 3º Encontro Nacional de Geógrafos a realizar-se em Fortaleza, a “abertura política” do país e a seleção para o mestrado! Tudo acontecendo quase que “simultaneamente”. No 3º Encontro Nacional de Geógrafos, a experiência gratificante. Além de ver as discussões inflamadas na Geografia, e a possibilidade de conhecer José César de Magalhães (presidente da AGB-Nacional), Milton Santos, Orlando Valverde, Caio Prado Jr, Roberto Lobato, Armen Mamigonian, dentre outros geógrafos, tive o privilégio de fazer uma “excursão” ao Baixo Jaguaribe, durante três dias, coordenada por José Borzachiello da Silva. Nessa “excursão”, a Geografia

Agrária se fez presente com as observações apresentadas por Orlando Valverde e Caio Prado Júnior. As “aulas” do prof. Orlando nas “paradas” de observação e ao final do dia serão sempre lembradas, somadas a todas as informações que recebíamos em cada lugar que passávamos. Foi aí que vi o grande desmatamento da mata da carnaúba para a implantação de um projeto de irrigação na referida região!

O final do ano se aproximava. Novembro de 1978: seleção para o curso de Mestrado na UNESP/Campus de Rio Claro. No mural da faculdade, um cartaz: I Encontro Nacional de Geografia Agrária em Salgado/SE, (4 a 7 de dezembro - 1978). Pensei! No próximo eu irei, pois eu estava em Rio Claro para fazer a seleção para a Geografia Agrária. Havia atravessado o “Rio Grande”³ e o “mundo da Geografia Agrária” começava a se abrir para mim!

E por que surgiram os Encontros Nacionais de Geografia Agrária?

2-Um pouco da história dos ENGA's

Aqui, vou transcrever o relato do prof. José Alexandre Felizola Diniz no seu texto: “*Uma idéia que deu certo*”:

Corria o mês de julho de 1978, e a cidade de Fortaleza sediava o 3º Encontro Nacional de Geógrafos da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Em plena efervescência da reunião onde despontavam mudanças profundas nas concepções geográficas mais aceitas no Brasil, sobretudo com uma crítica severa aos métodos quantitativos e uma preocupação acentuada com as questões sociais, os estudos urbanos encontravam-se em pleno desenvolvimento. Em oposição, a Geografia Agrária mostrava-se enfraquecida, pouco produtiva, diante de outras áreas da nossa ciência, não merecendo mais do que uma simples sessão vespertina para apresentação de algumas contribuições. E para todos aqueles que faziam essa geografia, a sensação era de frustração e desânimo.

Sentados diante do “bandejão” para almoço, nesse dia reservado para a mencionada sessão, meditávamos eu, Rivaldo Gusmão⁴, Solange Silva⁵ e Olindina Mesquita⁶ sobre nossa fragilidade, quando despontou, como resposta à célebre pergunta: “o que fazer”?, a idéia do ENGA. E ali mesmo fomos montando a estrutura preliminar do primeiro

Encontro, dividindo as tarefas e selecionando temas. Logo me dispuz a organizar o evento, em dezembro do mesmo ano, que, em nossa idéia precipitadamente concebida, deveria ser o primeiro de uma grande seqüência.

Do almoço fomos ao encontro de colegas que já estavam, sem saber, “encarregados” das tarefas urgentes. Como o primeiro ENGA deveria ser de caráter norteador e metodológico, Lúcia Gerardi, Antonio Ceron e Miguel Sanchez deveriam preparar um texto sobre “Metodologia da pesquisa em Geografia Agrária”, enquanto Mário Lacerda de Melo desenvolveria o tema da formação do geógrafo agrário no Brasil. Com outros colegas de Sergipe e de outros estados presentes em Fortaleza, logo se formou um grupo que definiu as regras básicas para futuros Encontros. (DINIZ et al., 1987, p.18, grifos do autor, destaques nossos).

Para a realização dos Encontros, as “regras básicas”, propostas por José Alexandre Felizola Diniz, e os colegas já citados, seriam:

- a) que sua organização não seria da responsabilidade nem prerrogativa de um único organismo ou instituição, devendo sim, ser encargo de um grupo de interessados, quaisquer que fossem suas vinculações profissionais ou associativas;
- b) que ele seria realizado anualmente e teria abrangência nacional;
- c) que discutiria problemas cruciais da agricultura brasileira, não implicando esta decisão no abandono da discussão de problemas de natureza teórica, metodológica ou técnica;
- d) que além da discussão de temas específicos, seriam discutidas comunicações livres ou vinculadas ao temário básico, inscritas pelos participantes;
- e) que os Encontros deveriam ser realizados, prioritariamente, em ambientes fechados, favoráveis à discussão e reflexão profundas, em trabalho de grupo, para permitir aprofundamento de temas desenvolvidos por autores escolhidos. (DINIZ et al., 1987, p.18).

Continuando seu relato, José Alexandre Felizola Diniz, assim conclui:

E a ideia deu certo! As 14 primeiras comunicações apresentadas em Salgado, no 1º ENGA, foram largamente superadas nas reuniões que se seguiram. A Geografia Agrária brasileira, hoje [1987], atravessa uma nova fase, mais criativa e com produção significativa. Diversos fatores contribuíram para isso, inclusive a expansão dos cursos de pós-graduação, sobretudo de Rio Claro, que a estimularam bastante. Todavia, a contribuição dos ENGA's não pode ser esquecida. (DINIZ et al., 1987, p.18-19, destaque nosso).

A partir da ideia, surgida em 1978, os Encontros Nacionais de Geografia Agrária expandiram-se. Os trinta anos, completados em dezembro de 2008, revelam o crescimento da Geografia Agrária brasileira., constatada nas dissertações e teses produzidas nos programas de pós-graduação, nos livros publicados, na criação de uma revista direcionada para a Geografia Agrária e áreas afins, no volume de comunicações apresentados nos referidos encontros.

Parte da estrutura do Encontro, como os minicursos e os grupos de trabalho, duas atividades importantes, mudaram para atender o crescimento do público participante. Como retomar essa idéia? Um desafio para pensar...

3- O significado dos Encontros Nacionais de Geografia Agrária para a “construção” do conhecimento...

A busca pelo conhecimento é uma constante no ser humano. É por meio dele que aprendemos a desvendar a realidade do mundo. Produzir ciência, produzir pesquisa (científica), ou seja, produzir conhecimento é uma tarefa das Universidades. Isto porque a Universidade

é uma agência formadora da ciência e da tecnologia, assim como configura um lugar de produção do imaginário coletivo, capaz de articular, prática e simbolicamente, a sociedade política e a sociedade civil. Encontramos na Universidade o lugar necessário e adequado para desenvolver a atividade científica entendida como o processo criativo que visa a produção do conhecimento (TAVARES DOS SANTOS, [199-], p.178).

Foi desse modo que os Encontros Nacionais de Geografia Agrária contribuíram para minha formação acadêmica. Minha trajetória começou no 2º ENGA/1979. Até 2006, foram quinze encontros. As discussões foram muito ricas. Na sua estrutura, as comunicações científicas, as mesas-redondas, os minicursos, os grupos de trabalho, painel com a participação de produtores rurais, presidentes de sindicatos (rurais e de trabalhadores rurais), os trabalhos de campo contemplaram diversos assuntos.

Assim, nas mesas-redondas, tivemos temas como: a divisão da terra agrícola no Brasil, a agricultura e desenvolvimento no Brasil, as políticas de planejamento rural no Brasil, as transformações atuais da agricultura brasileira, as políticas agrícolas e reforma agrária, agricultura e indústria no Brasil, as contradições da pequena e da grande produção agrícola, abordando sub-temas como a expansão da fronteira agrícola, agricultura energética e conflitos sociais no campo, o cooperativismo, a natureza e a organização do espaço agrário, agricultura empresarial e relações de trabalho, movimento sindical, agricultura sustentável, as novas territorialidades do espaço agrário brasileiro, agricultura familiar, produção rural familiar, agricultura camponesa, relações cidade-campo, pluriatividade na agricultura, os assentamentos rurais. Além desses temas mais específicos, as questões teórico-metodológicas da geografia agrária (I,VIII e XII ENGA's), a formação do geógrafo agrário (I ENGA) e o ensino da geografia agrária na Universidade brasileira possibilitaram discussões profícuas (XIII ENGA's) Outra atividade importante nos ENGA's iniciais foram os grupos de trabalho .A sistemática adotada era a seguinte:

- a) apresentação , pelos autores, durante 30 minutos, das idéias centrais dos documentos já distribuídos aos participantes; b) reunião em grupos documentos, com assessoria dos autores e coordenação”

de professores indicados pela coordenação do evento; c) reunião dos participantes em plenário para apresentação das conclusões de cada grupo e rediscussão dos documentos com os autores; d) apresentação e discussão, em plenário, das comunicações inscritas (DINIZ et al. , 1987, p.8).

Da mesma forma que os grupos de trabalho, os minicursos foram importantes. Dentre eles, nossa participação em dois contribuíram para o enriquecimento das discussões:

a) O papel do Estado na organização do espaço rural, ministrado pela profa. Dra. Beatriz Soares Pontes(VIII ENGA) e b) A renda da terra, ministrado pelo prof. Dr. Ariovaldo U. de Oliveira (IX ENGA).

Os trabalhos de campo também compõem a estrutura dos ENGA's. É uma forma de “resgatar” as “excursões” que marcaram os Encontros da AGB nos anos 1950, 1960,1970 e também de aprender um pouco sobre a realidade local. Nesses trabalhos aprendi muito.

Nessa trajetória, a estrutura dos ENGA's, conforme já destacado, mudou. Do Encontro realizado em locais “fechados”, passamos para os espaços das Universidades. O número de trabalhos apresentados cresceu de forma significativa, face ao crescimento também dos programas de pós-graduação. A tônica das questões teórico-metodológicas da Geografia Agrária, temas do I ENGA, em 1978, continuou em pauta.

Perguntamos: o que avançamos ao longo desses trinta anos? Creio que é possível responder: muito! Por mais dificuldades que tenhamos encontrado ao longo da trajetória, conseguimos avançar teoricamente. Assistimos às mudanças de uma Geografia Agrária com base nos princípios filosóficos da Geografia Tradicional e da Geografia Neopositivista, com destaque,

sobretudo, para os trabalhos com o uso das técnicas quantitativas e abordagem sistêmica, para a Geografia Agrária Crítica. A partir de então, o geógrafo (agrário) passou a fundamentar-se no materialismo histórico-dialético para explicar as contradições do processo de desenvolvimento desigual do capitalismo no campo brasileiro. Temas como: relações sociais de produção, a apropriação da terra, os conflitos pela posse da terra, ou seja, os problemas sociais da agricultura, passaram a ser objetivo de análise dos estudiosos da questão agrária.

Entretanto, nesta trajetória, gostaria de destacar quatro contribuições importantes, reflexos dos ENGA's, para minha formação acadêmica:

a) a possibilidade que tive de fazer o mestrado(1979/1982) e o doutorado(1985/1989) em Geografia Agrária, na UNESP/Campus de Rio Claro, sob a orientação de Dr. Miguel César Sanchez e ter tido nesta trajetória o aprendizado com Dra. Lúcia Helena de Oliveira Gerardi, Dr. Rivaldo Pinto de Gusmão, Dra. Rosa Ester Rossini, Dra Iracy Gomes de Vasconcelos Palheta, Dr. Marcos Roberto Ribeiro, responsáveis pela minha titulação acadêmica, além de mestres como Dr. Antonio Olívio Ceron, Dr. José Enio Casalechi, Dr. Márcio de Miranda Costa e Dra Vera Marisa Henriques de Miranda Costa, com quem aprendi a discutir e refletir sobre as questões agrárias e adquiri uma visão crítica da realidade a partir das leituras realizadas nas disciplinas cursadas.

Nos dois momentos da pós-graduação, para entender as novas configurações que ocorreram no espaço agrário brasileiro, sobretudo após a década de 1970, o ponto de partida foi o processo de modernização da agricultura. As

discussões pautavam-se nas concepções teóricas de Ruy Muller Paiva⁷ e foram a tônica das pesquisas. Para explicar as contradições engendradas por esse processo no campo brasileiro, o desenvolvimento rural, baseado nas discussões de Phil Karp⁸ entendido como estratégia para melhorar as condições de vida do homem do campo, serviu como referencial teórico para essas análises e possibilitou a discussão mais crítica acerca da realidade brasileira.

Outro autor que serviu como referencial para a análise crítica da modernização da agricultura foi José Graziano da Silva⁹. Essas referências foram, podemos dizer, um “norte teórico” para nossa dissertação de mestrado e para a tese de doutorado, desenvolvidas sobre a abordagem agrária. A partir daquele momento, novos autores foram sendo incorporados às leituras para dar o suporte teórico crítico.

A titulação possibilitou minha inserção no Programa de Pós-Graduação em Geografia/Instituto de Geografia /UFU, em 1996, quando o mesmo foi criado. O resultado são as orientações (mestrado e doutorado), verdadeiras aulas de aprendizado constante.

b) A publicação de um trabalho: *O Espaço rural de Uberlândia no ano seu centenário*, nos Cadernos de Geografia –n.2 –a dez.1988-AGB Seção de Uberlândia, em co-autoria com as professoras Beatriz Ribeiro Soares e Maria Benedita Cavalini. O trabalho resultou de um projeto da AGB-Seção Uberlândia, em conjunto com a Secretaria Municipal de Agricultura, Indústria e Comércio e teve como objetivo conhecer a organização do atual [1988] espaço

rural no município de Uberlândia. As discussões sobre a modernização da agricultura e do desenvolvimento rural foram a temática do trabalho.

c) A participação no Projeto Interinstitucional sobre a *Realidade Agrária do Norte Paranaense: transformações recentes e novas perspectivas*, com os colegas: Dra Alice Yatio Asari,(UEL), Dra. Ruth Y. Tsukamoto (UEL); Dr. Elpídio Serra (UEM) e Dr. José Barreira (UEM). As idéias para esse projeto “nasceram” no trajeto: Diamantina/Belo Horizonte no retorno do XIII ENGA (1996). O objetivo foi conhecer a realidade agrária do norte do Paraná, a partir da intensificação das relações capitalistas de produção, das transformações ocorridas na região e dos seus reflexos no contexto da modernização da agricultura. Para a execução desse projeto, na primeira fase (1997-1999), foram propostos cinco subprojetos¹⁰, tendo como eixo central a modernização da agricultura. Na segunda-fase (1999-2001), para dar continuidade ao objetivo central, foram propostos mais quatro subprojetos¹¹.

d) A coordenação de CAMPO-TERRITÓRIO, Revista de Geografia Agrária (2005/fev.2009), idealizada no X ENGA (2004) por Dr. Bernardo Mançano Fernandes e apoiada pelos colegas “agrários” presentes àquele ENGA. A experiência foi rica: resgatamos seis trabalhos escritos sobre a Geografia Agrária brasileira, abordando as questões teórico-metodológicas, além da interdisciplinaridade presente nos artigos enviados e que compõem os sete números (fevereiro /2009)da Revista .

De forma indireta, os ENGA's possibilitaram a formação de Grupos de Pesquisa com o objetivo de propiciar o intercâmbio dos grupos, cujas análises principais enfocam a temática da agricultura associada às transformações

socioespaciais e ao desenvolvimento regional. O tema central dos encontros foram: Agricultura, desenvolvimento regional e transformações socioespaciais. Foram realizados quatro encontros: 2005 (UERJ/Rio de Janeiro); 2006 (UFU/Uberlândia); 2007 (UFRGS/Porto Alegre) e 2008 (USP/São Paulo). A preocupação central dos grupos é reforçar o debate sobre as questões teórico-metodológicas na geografia agrária, proposta do I ENGA (1978).

O resultado da formação dos grupos foram dois livros organizados por Gláucio José Marafon e Vera Lúcia Salazar Pessôa e o projeto de pesquisa, coordenado pela profa. Darlene Ap. de Oliveira Ferreira(UNESP/Campus de Rio Claro), com a participação de prof. Gláucio Marafon (UERJ) e Vera Lúcia Salazar Pessoa(UFU). Sobre os livros, destacamos: *Interações Geográficas: a conexão interinstitucional de grupos de pesquisa (2007)* e *Agricultura, desenvolvimento e transformações socioespaciais: reflexões interinstitucionais e constituição de grupos de pesquisa no rural e no urbano(2008)*.

Quanto ao projeto: *Espaço, território e paisagem: uma leitura teórico-metodológica da Geografia Agrária brasileira na pós-graduação a partir dos anos 1970*, o objetivo é propor uma diretriz teórico-metodológica para a geografia agrária, com a elaboração de uma metodologia de trabalho para analisar o transcurso do desenvolvimento do pensamento geográfico no Brasil e, particularmente, dos estudos sobre o setor agropecuário e o mundo rural. Esse projeto terá a duração de dois anos (2008-2010).

Para finalizar...

No “espaço” dos ENGA's, o conhecimento produzido, resultado das pesquisas, mostrou (e mostra) que, nessa trajetória, a interdisciplinaridade contribuiu para o fortalecimento dos encontros.

Assim, nossa participação, ao longo dos quinze ENGA's, contribuiu para esta reflexão. A cada Encontro, a busca por “respostas” aos problemas levantados possibilitava um repensar da continuidade dos mesmos para cumprir o proposto no I ENGA. Este objetivo, conforme já destacado, tem sido alcançado. Essa reflexão que fazemos a cada dois anos de realização dos Encontros mostra a importância do repensar teórico-metodológico iniciado em 1978.

Notas:

¹ Texto apresentado no XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária/ 2 a 7 de fevereiro 2009/USP

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia/Instituto de Geografia/UFU

³ Rio que separa Minas Gerais de São Paulo

⁴ Rivaldo Pinto de Gusmão/geógrafo do IBGE

⁵ Solange Tietzmann Silva/ geógrafa do IBGE

⁶ Olindina Vianna Mesquita/geógrafa do IBGE

⁷ PAIVA, Ruy Miller. Modernização e dualismo tecnológico na agricultura. **Pesquisa e planejamento:** revista do IPEA, v.1, n.2, p.171-234, dez./1971.

PAIVA, Ruy Miller; SCHATTAN, Salomão; FREITAS, Claus F. Trench. **Setor agrícola do Brasil:** comportamento econômico, problemas e possibilidades.2.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária;São Paulo: Ed. USP, 1976.

⁸ KARP, Phil...Rural development: a people-oriented strategy. **Antipode**, v.8, n. 2, p.50-64, may. 1976.

⁹ GRAZIANO DA SILVA, José (Coord.). **Estrutura agrária e produção de subsistência na agricultura brasileira.** São Paulo: HUCITEC, 1978.

GRAZIANO DA SILVA, José. **A modernização dolorosa:** estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

¹⁰ As relações campo-indústria no norte paranaense (Profa. Ruth Y. Tsukamoto/UEL)); As cooperativas e a modernização agrícola: gestão e processos de produção e de trabalho (Prof. José Barreira/UEL); As faces do movimento migratório: o caso do norte paranaense (Profa. Alice Y. Asari/UEL); Os movimentos rurais organizados pela reforma agrária no norte paranaense (prof. Elpídio Serra/UEM); O café e a soja na (re) organização do espaço do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (profa. Vera Lúcia Salazar Pessôa/UFU).

¹¹ A sericultura no norte paranaense: situação atual e perspectivas (profa. Ruth Y. Tsukamoto/UEL); Ação governamental na retenção das migrações internas: programas vilas rurais no Paraná (Profa. Alice Y. Asari/UEL); Os movimentos rurais organizados pela reforma agrária no norte do Paraná (Prof. Elpídio Serra); O cooperativismo no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba: evolução e transformações (profa. Vera Lúcia Salazar Pessôa/UFU)

Referências

ANAIS DOS ENCONTROS NACIONAIS DE GEOGRAFIA AGRÁRIA-
1979/1980/1983/1984/1985/1986/1987/1988/1990/1992/1994/1996/1998/2000/
2002/
2004/2006

ASARY, Alice Y. et al. **Realidade agrária do norte paranaense:** transformações recentes e novas perspectivas. Londrina:UEL;Uberlândia:UFU, 1999. 333p.

ASARY, Alice Y. et al. **Realidade Agrária Do Norte Paranaense:** transformações recentes e novas perspectivas. Londrina:UEL;Uberlândia:UFU, 2001. 426p.

DINIZ, José Alexandre Felizola et al. **ENGA ANO 10:** subsídio ao estudo da história da geografia agrária brasileira. Aracaju: [s.n],1987. (Texto mimeo.).

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. A nova organização do trabalho científico. In: MOROSINI, M. C. (Org.). **Universidade no MERCOSUL**. São Paulo: Cortez; Porto Alegre:FAPERGS/CNPq, [199-]. p.178-187.

FERREIRA, Darlene Ap. de Oliveira. Geografia agrária brasileira: fontes e referências. In:____. **Mundo rural e geografia: geografia agrária no Brasil: 1930-1990**. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p.113- 186.

Artigo encaminhado para publicação em janeiro de 2009.
Artigo aceito para publicação em fevereiro de 2009.

ISSN 1981-9021 - Geo UERJ - Ano 10, v.2, n.18, 2º semestre de 2008.
WWW.geouerj.uerj.br/ojs